Uma repórter personagem: Uma análise das reportagens de Neide Duarte.[1]

Iuri da Silva RODRIGUES[2]
Antonio José de SANTANA[3]
Universidade Tiradentes, UNIT, Aracaju (SE)

RESUMO

O presente trabalho, tendo como foco as matérias da Jornalista Neide Duarte, tem como objetivo mostrar a maneira como tal profissional diversifica as reportagens de tevê, saindo daquilo que chama de convencional e inovando o estilo, a forma e o perfil de informar para chamar a atenção do telespectador. Em três matérias analisadas, de assuntos diferentes, foi possível perceber a dissonância e o que a jornalista da Rede Globo tenta fazer de diferente trazendo o que só se vê em programas específicos de jornalismo para telejornais diários, como o Jornal Nacional e o Jornal Hoje. A presença de Neide Duarte como personagem, por ser expressiva nas matérias por ela elaboradas, foi o viés da análise deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Neide Duarte; telejornalismo; reportagem; Rede Globo.

Neide Duarte

Quem assiste às reportagens da Jornalista Neide Duarte, exibidas nos telejornais da Rede Globo de Televisão, pode até imaginar que aquela mulher que narra os fatos em uma linguagem bem peculiar, como se estivesse em um culto de oração, ou então recitando poemas, seja uma conselheira dos personagens que a própria repórter entrevista. Não fosse pelas aventuras vividas por ela e as oportunidades de conhecer a grande saga de ser repórter, talvez Neide não soubesse ou tivesse domínio para elaborar uma matéria que realmente comprovasse a experiência e o lado humano com os quais a profissão a presenteou. Experiência esta, formada há mais de trinta anos, quando Neide Duarte graduou-se em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela FAAP (Faculdade Armando Álvares Penteado), na cidade de São Paulo, e descobriu o grande ofício da reportagem.

Desde que saiu da faculdade, Neide percorreu vários veículos de comunicação do país, entre eles, o jornal diário Folha de São Paulo e a rede Globo de televisão onde

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Tiradentes, UNIT; e-mail: iurirodrigues1@yahoo.com.br

[3] Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Tiradentes, UNIT; e-mail: profsantana@hotmail.com

está atualmente. Mas o grande aprendizado que marcou a carreira da jornalista foi quando ela participou durante sete anos de um programa na TV Cultura, com o título de "Caminhos e Parcerias", que tinha como objetivo desvendar situações de brasileiros esquecidos pelo Brasil e mostrar a realidade por eles vivida. Talvez tenha sido esse encontro com o outro lado da vida, com pessoas esquecidas pelo poder público, que tenha levado Neide a detalhar mais a situação dos fatos costumeiros, mas de grande interpretação social por parte dela, o que lhe rendeu onze prêmios jornalísticos, entre eles, o Vladimir Herzog e mídia da paz.

O jeito de narrar

A neutralidade impregnada desde os bancos da faculdade de jornalismo, como um adjetivo absoluto que os repórteres têm de carregar durante toda a vida, vira um caso à parte quando nos deparamos com as reportagens da jornalista da TV Globo. Imparcialidade, lead, e a correria do dia a dia, hierarquia que denomina o sistema que move uma redação de jornal, são características inexistentes nos textos que Neide produz. Paradoxalmente, tornam-se reportagens valiosas no sentido de modificar as diversas reportagens de TV deixando de lado o aspecto de informar o fato logo no primeiro parágrafo e ir construindo a matéria através de descrições que as imagens comprovam com o que ela diz. Além de enaltecer personagens, fazendo com que a história seja apreciada pelos telespectadores.

Outra notória característica é a presença da participação efetiva da repórter em busca de desvendar algo, uma forma de viver para poder descrever melhor a situação vivida pelos personagens da matéria jornalística. Para que isso aconteça é preciso muita dedicação por parte da jornalista premiada e, é claro, muitas vezes interferir no curso da matéria e nuançar como forma de gritar por aqueles sem autonomia e sem poder, numa sociedade devoradora, onde o interesse de poucos é que prevalece. Ou seja, é o sujeito repórter fugir dos padrões editoriais que movem a mídia e entrar na matéria, esquecer que é o narrador e passar a ser papel fundamental na história que será contada.

O telejornalismo tem importantes adjetivos que determinam a singularidade do meio. O cinegrafista assim como o repórter recebe uma pauta para segui-la. É necessária para dar um norte ao cinegrafista. O repórter é o "líder" da equipe, ele tende a agilizar os entrevistados, dar toques ao cinegrafista para captar outras imagens além da pauta dele e ainda correr para chegar em tempo no outro local determinado pelos produtores.

Isso evidencia a rapidez necessária para elaborar uma matéria. É por isso que Marcondes Filho (2000) associa o texto de TV como superficial, inútil. Segundo o autor, tudo que o telejornalismo produz é rápido demais, emocional e superficial.

> Tudo vai direto para o lixo, tudo é esquecido, tudo desaparece instantaneamente. Nenhuma notícia sobrevive, nenhum relato é suficientemente trabalhado para criar raiz, tudo evapora. [...] uma máquina incessante de fazer o nada. (2000, p. 89).

Nesse mesmo sentido, Carlos Alberto Vicchiatti (2005, p.26) problematiza os perigos do "jornalismo mecânico", que tem a simples função de informar rapidamente, sem fazer grandes detalhes do fato em si. Vicchiatti (2005, p.21) diz ainda.

> A estética (no sentido mais amplo) fica de lado e, portanto, não é pré-ocupação fundamental do jornalismo. Noticia-se o fato espetacular, catastrófico, frio. Esquece-se que em todas as situações noticiadas há pessoas envolvidas. Não se pensa que uma notícia calamitosa também pode ser divulgada sem sensacionalismo. Esquece-se do ser humano. (2005, p.21)

São situações do cotidiano que passa após outro determinado telejornal que vem com outra bagagem de informações onde cada matéria é mais uma e nenhuma marca, nenhuma fica por ser tão cotidiana. Nada de inovação. Ver uma reportagem de Neide é olhar o oposto do Jornalismo convencional, sem limites. Onde tudo vale para informar. Até a interferência do ser repórter é relevante em suas reportagens. De acordo com Brum (2008, p. 38) a verdadeira reportagem é aquela em que o repórter passa a fazer parte dela diretamente. "Porque só tem graça ser repórter quando nos entregamos à reportagem e deixamos que ela nos transforme".

Lage (2001) aponta o repórter como um agente social que está onde outras pessoas não podem estar, por isso, cabe a ele a inteira função de ser o reprodutor da informação da melhor forma possível. "O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante. Essa função é exatamente definida como a de um "agente inteligente" que Nilson Lage (2001) define.

> Um agente inteligente deve ter autonomia, isto é, operar sem intervenção direta de seu contratante; ter habilidade social, isto é, interagir com outros agentes, desenvolvendo, para isso, competência comunicativa; ser reativo, isto é, perceber o meio em que atua e responder em tempo aos padrões de mudança que

> ocorrem nele; e ser capaz de tomar a iniciativa, comportando-se de modo a cumprir sua tarefa. (Lage, 2001, p. 23)

Os textos produzidos por Neide podem ser exemplificados com a declaração de Alex Galeno no artigo intitulado como "palavras que tecem e livros que ensinam a dançar". Acerca do texto elaborado por Neide, o telespectador passa a fazer parte da história porque é uma história humanística, rotineira onde os principais argumentos para a construção do texto é a prática do cotidiano vivenciada por milhões de pessoas.

> Assim, o texto deverá ser percebido como algo tátil, exuberante e como uma rede comunicativa de múltiplos sentidos. Textos tecidos que, pela mobilidade conectiva de seus escritores se transformam em fantasias e vestimentas para os dançarinos leitores. (2005, p. 102)

A Reportagem exibida no dia 17 de março de 2009 no Jornal Hoje, trouxe uma discussão acerca de que São Paulo até em dias de sábado é dia de correria como outro qualquer da semana. Na reportagem, cujo tema era "sábado é dia de compras, senhas e filas em São Paulo" a repórter tenta desmistificar o que só era visto em dia de semana, tais como: ir às compras, fazer exames médicos, pegar ônibus lotados. Tudo isso contado detalhadamente com o olhar atento de Neide. A descrição de cenas e de objetos evidencia Ainda não bastasse, Neide Duarte se apresenta ao término da matéria e coloca a sua posição do que ela vai fazer quando acabar aquele dia corrido, onde ela já foi para a rua e fez uma reportagem. Segue abaixo o texto completo da matéria jornalística.

Sábado é dia de compras, senhas e filas em São Paulo

Sábado é dia bacana, dia em que o sonho da casa própria abana suas bandeiras para a gente. Dia de olhar geladeira na loja, escolher uma blusa nova. Dia de cada um pegar sua senha e esperar a fila andar. "Vim fazer exames de raio-X", diz uma jovem. "Vim fazer exame de sangue", fala outra. "Em um dia desses, maravilhoso, falei: 'Não vai ter ninguém no laboratório, só eu'. Não, estou aqui, eu e mais São Paulo inteiro", lamenta uma mulher.

Sábado também é dia de a cidade inteira ir às compras nos supermercados, embora muitas pessoas compareçam contra a vontade. "Eu não gosto, mas venho porque a esposa realmente traz a gente", conta o taxista Alcides Moraes

E esse movimento todo? Algum evento, um show, alguma alegria? Não, é o Poupatempo. Sábado é dia de fotos 3x4 e carteira de identidade. "Vim fazer a segunda via do meu RG", revela uma senhora. "Tirei o meu RG e já é a quarta vez que eu venho e não está pronto", afirma outra. "Para quem trabalha a semana toda, o dia da folga é o sábado", diz um senhor.

Dia quando a espera no ponto do ônibus é bem maior. "É o pior dia que tem, é o sábado e o domingo. Vou embora, pegar esse ônibus que há 40 minutos não vem", despede-se um homem.

E fazer compras pensando na segunda-feira. "Vim comprar um despertador para a menina acordar cedo para ir para a escola na segunda-feira. Às 6 horas, senão não acordo", diz.

E gente que vem de longe para ficar em outra fila, a da carne. "Vou comprar uma peça de carne, coxão mole. É que hoje é aniversário da minha filha e eu estou fazendo um churrasco", conta uma senhora. "Hoje é aniversário da minha netinha, então vim comprar carne para fazer um lanchinho", revela outra

Sábado é dia de churrasco em casa, dia dedicado à família. "Gostaria de mandar um beijo para o meu pai, Arlindo Maia, lá na Bahia, em Jequié", avisa uma jovem.

E dia para namorar também, mesmo rapidinho, com pressa para pegar o ônibus. Até que enfim, alguma cena menos estressante em um sábado de sol. Agora, é só terminar de escrever o texto, imprimir, correr para a cabine, gravar a narração e sair correndo. Ainda tenho um exame para fazer e um supermercado para enfrentar neste sábado.

Logo no início do texto a repórter premiada começa descrevendo uma cena de uma bandeira que se sacode de um lado para outro conforme manda o vento. É assim que ela começa o texto fazendo uma alusão ao telespectador que dia de sábado é dia de sorte para os negócios. "Sábado é dia bacana, dia em que o sonho da casa própria abana suas bandeiras para a gente". Esse é um diferencial de Neide, ela capta pequenas descrições que enaltecem o texto jornalístico. Ao reportar o que era possível naquela manhã calorosa de sábado, Neide Duarte finaliza a matéria se colocando como personagem e dizendo o que ela vai fazer depois daquele dia corrido. "Agora, é só terminar de escrever o texto, imprimir, correr para a cabine, gravar a narração e sair correndo. Ainda tenho um exame para fazer e um supermercado para enfrentar neste sábado". Quando Neide se compromete em dizer o que ela vai fazer depois que acabar a matéria, ela está utilizando a primeira pessoa e isso já é um bom enquadramento, um norte que ela deu na matéria, posicionando-se a respeito de algo e, é claro, os telespectadores mais atentos devem ter observado a atitude da jornalista.

Em 16 de setembro de 2009, Neide Duarte fez uma matéria para o Jornal Nacional cujo título era "Banana passa a ser vendida por quilo em São Paulo", mas no texto em que o telespectador passou a observar, Neide apresentou uma versão de que com essa mudança o consumidor era quem ia perder com as novas regras adotadas pela fiscalização das feiras livres.

Banana passa a ser vendida por quilo em São Paulo

A feira livre mantém antigos costumes. Aqui ainda se anunciam os produtos. A caixa registradora é uma caixa mesmo, de madeira, das antigas. Lugar da fartura, onde a aritmética não bate com o que aprendemos na escola.

Mas agora as leis do mercado alcançam a feira livre em toda extensão. Banana, em São Paulo, tem que ser vendida por quilo e não por dúzia.

"Existiam várias formas de se vender, alguns vendiam por unidades, outros a peso. O consumidor não tinha parâmetro. Ele não sabia qual era o mais vantajoso", disse o diretor de fiscalização do Ipem, Paulo Lopes.

O que ganhávamos na camaradagem por ser da freguesia, vamos perder na balança. Banana por banana, casca por casca. Uma dúzia de 14 fica por R$ 2. Agora vamos ver na balança: R$ 3,39.

"A banana toda vida foi por unidade. Por quê agora essa coisa de quilo? Nós não precisamos disso. Acho que para mim vai dar a mesma coisa", disse a dona de casa Maria da Glória Quintino.

Nesta quarta, a fiscalização foi às ruas para orientar os feirantes. Mas, na segunda visita, quem não vender bananas por quilo vai receber multa.

"Estamos vendendo por dúzia ainda, por enquanto não compramos a balança", disse o feirante Fábio da Silva.

"Nós feirantes não estamos adaptados ainda a vender por quilo. A gente não sabe como vai ser. A gente tá aprendendo", disse uma mulher.

Conhece-se o rosto de um repórter pela participação dele no vídeo. A essa aparição do repórter no vídeo dar-se o nome de passagem. É o momento em que o repórter aparece na matéria para destacar um aspecto. "Em televisão, construir matéria é como montar um quebra-cabeça. Algumas peças se encaixam melhor na passagem do repórter, outras, nos trechos selecionados das entrevistas, e as restantes compõem o off, que será coberto por imagens". (BISTANE e BACELLAR, 2005, p. 23).

A reportagem com o titulo "Banana passa a ser vendida por quilo em São Paulo" baseava-se em uma mudança em que tanto os fregueses quanto os feirantes teriam que se adaptar a vender bananas por quilo e não mais por dúzia, como é de costume. Durante a matéria tudo parecia tradicional, fazendo jus ao padrão televisivo de informar, que é o repórter frente às câmeras com o microfone na mão, até que a figura de Neide entra em cena e muda o jeito de fazer a passagem, comprovando a opção pela "passagem participativa" que Bistane e Bacellar (2005) denominam:

> A repórter sai da posição de testemunha e passa a ser personagem. Para esse tipo de passagem o narrador da história tem várias possibilidades de aparecer fazendo alguma coisa que dê a verdadeira importância da participação. Por exemplo, se a matéria for sobre um curso de dança, arrisca uns passos como

> aluno, ou então experimenta fazer uma receita ao mostrar uma aula de culinária. (BISTANE e BACELLAR, 2005, p. 24).

Sonora de Neide Duarte: "O que ganhávamos na camaradagem, por ser da freguesia, vamos perder na balança. Banana por banana, casca por casca.

Neide – "Cida, me vê uma dúzia de banana".

Cida – uma dúzia de nanica...

Neide – Quanto tá a dúzia da nanica?

Cida – dois reais.

Neide – Então conta aí, quantas são? A sua dúzia tem quanto?

Cida – Uma dúzia de quatorze.

Neide – Que beleza! Quanto fica essa dúzia de quatorze?

Cida – Dois reais.

Neide – Agora vamos ver na balança.

Cida – Três reais e trinta e nove.

O diálogo acima é bem familiarizado como qualquer pessoa que tem costume de ir à feira livre. Como toda passagem serve para dar respaldo a algo que não supre só com imagens, Neide Duarte passa a informação de forma precisa como se ela fosse a freguesa em busca de bananas. Nessa passagem, ela vem caminhando, de bolsa no ombro como se realmente estivesse disposta a comprar bananas. A repórter sabe até o nome da vendedora, Cida, e o tipo da banana, "nanica". Essa familiaridade comprova para o público que a jornalista está íntima com o assunto que ela está reportando. Mostra aos telespectadores o seu lado humano. Uma cidadã que compra e que pede para fazer o preço mais baixo. Ela "escancara" tudo isso nas matérias que produz. Essa forma de falar bem detalhado com o uso das mãos torna uma comunicação mais clara. Para seus gestos, que garantem uma boa comunicação frente às câmeras, Lage (2006) define ser essencial para tornar mais completa a comunicação. "Aparência, entonação e expressão facial tornam-se a moldura que determina o entendimento dos fatos" (LAGE, 2006, p. 30).

De repórter a gari

Na reportagem veiculada no dia 15 de setembro de 2009, no Jornal Hoje, a figura de Neide Duarte é mostrada na TV como uma gari, uma alusão à reportagem que trazia como tema "Campanha pela gentileza", onde Neide Duarte foi investigar pelas ruas de São Paulo as garis que labutavam para deixar as ruas limpas enquanto existe tanta gente que não se importa e continua a sujar as ruas. Matérias assim onde o repórter convive diretamente com os personagens, os telespectadores só estão acostumados a ver em programas especiais como Globo repórter e Profissão repórter, ambos da rede globo.

A presença de um narrador personagem, seja qual for a mídia veiculada, sempre marca. E essa marca é inevitável porque é o ponto central em que o repórter se comove, se mostra diante da matéria. Quando essa técnica faz-se presente certamente dá outro olhar à história, para o melhor entendimento do fato, conforme Castro e Galeno (2005, pág. 37). Nessa reportagem, Neide Duarte pretende realmente isso: ela se passa por gari para saber contar aos telespectadores a verdadeira rotina de um trabalhador.

A multidão é como uma orquestra sem maestro, cada um faz o que quer e o que pode.
Gentileza? Não, não costuma passar por aqui.
- Quem é que pega lugar no trem?
"São homens e jovens".
"Gentileza? Nenhuma. Se desmaiar cai no chão pisa em cima".
"Nossa parece uma cavalaria entrando".
E andar de trem também é cultura. É preciso, antes de tudo, saber ler os sinais pra poder obedecer aos avisos.
"Tem deles que se faz que tá dormindo. Disfarce".
Gentileza é artigo raro, quem sabe não estará num bom supermercado. Escolhemos tomate e falamos ao celular. Um deles fatalmente escorrega, mas na mesma hora nos abaixamos atrás dele. Recolher o que se derruba não e a regra por aqui, José Afonso, o auxiliar de limpeza do supermercado não costuma encontrar muita delicadeza pelo caminho.
Longe do supermercado, nas ruas do centro da cidade, as varredoras da prefeitura varrem o mesmo pedaço da calçada oito vezes por dia...
Foi pra ver essa situação que me vesti de gari e sai pela rua direita com minhas duas novas companheiras de trabalho. Dona Maria na pá e no carrinho e Sônia na vassoura, como eu.
Acabamos de varrer, acabaram de jogar papel aqui de novo. Não tem fim né?
Sônia sabe ser uma repórter investigativa e observadora. "o lá Neide, Neide o de preto ta amassando peste atenção. O lá aquele de jeans tava com um panfleto na mão, corre atrás dele".
Bom dia, por favor o senhor jogou no chão um papelzinho. Não, só evita de jogar que a gente limpa e em seguida já suja. obrigada viu?
Entramos as três para tomar um café no lugar mais chique da rua, fomos muito bem tratadas.

Neide Duarte entra na matéria a partir do momento em que ela mostra empatia pelo que vai tratar. E ao se tornar empática ela também se torna humana pelo assunto que vai abordar. Por isso que Medina (2008) chama de "humanização" esse detalhamento encontrado no ato da matéria onde o repórter se conhece a partir de uma história que vai ser contada por ele mesmo.

> Sejamos, bem antes da edição, abertos ao alógico e ao alinear do entrevistado nos momentos em que assim se expõe ao entrevistador. A perspicácia dessa abertura está na medida direta com que o repórter se traveste de artista. É seu repertório, primeiro, humano; depois, intelectual (científico e artistico) – que pesará quando, diante do cavalete, iniciar o retrato de quem encontrou numa circunstância chamada entrevista. (MEDINA, 2008 p. 69).

O trecho a seguir mostra a fala da repórter como protagonista da história: "Foi pra ver essa situação que me vesti de gari e saí pela rua direita com minhas duas novas companheiras de trabalho. Dona Maria na pá e no carrinho e Sônia na vassoura, como eu". A perspicácia é tanta que a "jornalista gari" passeia pelas ruas com as amigas de trabalho, com a vassoura na mão e atrás de quem joga papel no chão para fazê-lo pegar e colocar no lixo. Neide Duarte poderia fazer uma matéria cheia de estatísticas, com muito depoimento, mas ela preferiu contar de uma forma mais atraente chamando assim a atenção do telespectador. É nessa aventura que Neide descobre que falta muita gentileza por parte da população que passa por ali todos os dias. As garis varrem mais de oito vezes o mesmo local e Neide não se cansa em passar um dia inteiro com elas para mostrar a realidade de quem convive, diariamente, com a falta de gentileza, nas ruas de São Paulo.

É o narrador protagonista em evidência nessa matéria. Se fundir da ação dos personagens, entrar na cena e ver tudo de perto, participando, tocando em coisas e objetos. Só assim se pode caracterizar que um narrador seja protagonista. (MEDINA, 2008, pág. 71).

Por se fazer entender melhor o que vem a ser a realidade daquelas trabalhadoras, tem-se um apego maior no detalhamento da matéria, por isso é preciso se doar por completo ao assunto. Hernandes (2006, p. 33), afirma: "[...] é impossível ter acesso à realidade sem fazer escolhas, sem determinar valor para alguns aspectos em detrimento de outros. Podemos dizer que a própria idéia de significação é uma 'opinião' sobre o mundo".

As falas da repórter comprovam esse discurso quando ela vai atrás de um homem que acabara de jogar papel no chão. Neide corre e, ofegante, surpreende-o: "Bom dia, por favor, o senhor jogou no chão um papelzinho. [...] a gente limpa e em seguida já suja. Obrigada, viu".

Depois do longo dia de trabalho, as varredoras de rua (incluindo a repórter Neide Duarte) vão juntas tomar um café e conversar sobre o a jornada. Tudo isso compõe a matéria exibida. A jornalista encerra assim a reportagem: "Entramos as três para tomar um café no lugar mais chique da rua, fomos muito bem tratadas". Retomando o enredo da matéria: "Campanha pela gentileza".

Conclusão

As três matérias analisadas são de assuntos diferentes e nem por isso a Jornalista da TV Globo encontra empecilhos ao descrever e contar a história meticulosamente trabalhada. Nessas reportagens é possível encontrar a presença de Neide Duarte envolvida na matéria, seja dando opiniões, sendo personagem ou então sendo protagonista da história. Uma decisão que enaltece a matéria. Pena (2008) define que não existe uma matéria jornalística bem feita sem o repórter se entregar à história. "É preciso viver as reportagens para poder relatá-las" (PENA, 2008, p. 57).

Com a presença marcante da repórter desde o início da matéria, Neide já pode se considerar ética no sentido de não enganar os que estão esperando para ver o espetáculo que ela produz diante da tela. Manuel Medel tem uma preocupação em abordar a questão da ética jornalística. No artigo em que compõe o livro Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra, organizado por Gustavo de Castro e Alex Galeno, Neide Duarte já está sendo ética em assumir a posição dela perante o público. No decorrer do livro ele acrescenta. "Diante de um jornalismo que ainda não percebeu que a verdade transparente não existe e que resulta inevitável (e, por isso, é ético assumi-lo) a parcialidade e a subjetividade do informador" (CASTRO e GALENO, 2005, p. 19).

A intenção desse trabalho é justamente mostrar que é possível fazer matéria jornalística baseada na maior interação com o receptor. A repórter Neide Duarte ousa em fugir da pauta e se responsabiliza em transformar assuntos fúteis em valiosas reportagens, dando uma visão de mundo em que o telespectador se relacione na história,

não deixando de lado a ética profissional. É com o pensamento interrogativo do jornalista Ricardo Noblat (2006, p. 41) que esse artigo se encerra. "Se não serve para esclarecer, alertar, forjar consciências e contribuir para a construção de um mundo menos injusto e desigual, para que serve mesmo o jornalismo"?

REFERÊNCIAS

BISTANE, Luciana. BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo, Ed. Contexto: 2005

BRUM, Eliane. **O olho da rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real.** São Paulo: Ed. Globo, 2008

CASTRO, Gustavo de: GALENO, Alex (Orgs). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Ed. Escrituras editora, 2002.

FILHO, Ciro Marcondes. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Ed. Hacker Editores: 2000.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques: O que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público**. São Paulo: Ed. Contexto: 2006.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

MEDINA, Cremilda**. Entrevista-o diálogo possível**. São Paulo: Ed. Ática, 2008 (5° edição)

NOBLAT, Ricardo. **O que é ser jornalista**. São Paulo: Ed. Record, 2006.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Ed. Paulus, 2005.